

# SOBRE A DEMORA DA VINGANÇA DIVINA<sup>1</sup>

## Introdução

Plutarco (46 dec - 119 dec) nasceu em Queroneia, Grécia, cidade ao norte de Atenas, e foi um escritor prolífico. De 81 dec em diante, começou a escrever *Sobre a Demora da Vingança Divina*, obra na qual revela um saliente platonismo e sustenta que, após a morte dos homens e antes de sua reencarnação, os deuses vingam as injustiças praticadas neste mundo. Desde então, este tratado se tornou um de seus escritos mais admirados; mas, curiosamente, parece que não tem uma tradução para o português.

Trata-se de *um diálogo* que ocorre em Delfos, cidade possuidora de um oráculo no qual Plutarco foi um dos dois sacerdotes de Apolo. Seus interlocutores são seu irmão Timón, seu genro Patrócleas e um certo Olímpico. Provocado por um epicurista, membro da escola filosófica rival, crítico da providência divina, Patrócleas explicita a questão que será objeto de debate: a demora dos deuses em castigar os injustos é defensável? Após argumentar como físico e jusnaturalista, Plutarco arremata como teólogo, oferecendo uma relato corroborativo de sua posição, um suposto testemunho direto, uma história que ele reluta em admitir se tratar de um *mythos*. Trata-se de o ‘mito de Tespésio’. Este relato começa na parte 22 e se estende até o final da obra.

Aqui temos o ponto que me levou a estudar essa narrativa antiga. Por seu caráter teológico, ou seja, para responder se os deuses tardam em agir e, portanto, falam em sua vingança ou se tardam em agir e, devido a isto, a vingança é divina, eu não teria me interessado pelo texto.

Todavia, o tema foi enquadrado no interior de uma *experiência de quase morte* e, uma vez que a estrutura na qual Plutarco insere seu conteúdo teológico é muito similar<sup>2</sup> àquela das EQMs atuais, como foi percebido por mais de um estudioso do

---

<sup>1</sup> Tradução do inglês para o português, introdução e algumas notas de Marcio Rodrigues Horta, doutor em filosofia pela USP e funcionário aposentado do TRE/SP. Supervisão do trabalho de Vitor Moura Visoni, parapsicólogo fluminense. Cumpre observar que não encontrei uma tradução desta obra de Plutarco para o português. Seu interesse inicial não foi classicista, mas parapsicológico; estudo presentemente as experiências de quase morte (EQMs) e fui levado a este texto pela pesquisa do tema na antiguidade. Assim, o formato desta tradução não é o clássico, mas o adequado ao estudo de um tema correlato. O texto grego foi estabelecido por Phillipi Lacy & Benedict Finarson (*Moralia* VII. Harvard: University Press, 1959); a tradução para o inglês e várias notas (identificadas como NTI) também são deles. Aqui, a tradução para o espanhol de Rosa Aguilar contribuiu com várias notas (identificadas como NTE) (*Moralia* VIII. Madri: Editorial Gredos, 1996). Por fim, minhas notas estão identificadas como NTP – Bragança Paulista, 12/6/24.

<sup>2</sup> Assim como ‘o mito de Er’, de Platão, ‘o mito de Timarco’, também de Plutarco e, ousou afirmar, ‘o sonho de Scipião’, de Cícero. Quando estudei este último, os comentadores apontaram que o autor se baseou em ‘o mito de Er’ para escrever seu texto. Todavia, intimidado pelo epicurismo, que ironizava a ideia de que Er *ressuscitou*, o ilustre advogado romano apresentou a ocorrência em um sonho. No artigo *O Resíduo Positivado*, 2020, escrevi: “recordemos que Platão, em ‘o mito de Er’ (*República*, X, 614b - 621b), narrou um episódio que alguns consideram a primeira descrição de uma EQM, estilizada talvez a partir de casos então conhecidos. Friso que, em certo momento, afirma-se que Er, morto, *reviveu* para contar sua história. Os epicuristas foram muito duros com esta pretensão, tanto que Marco Cícero, quando descreveu a experiência mística de Scipião Africano

tema,<sup>3</sup> parece pertinente sustentar que os antigos conheciam tal fenômeno e suas principais características.

Portanto, criar condições para apontar as semelhanças entre as EQMs atuais e as narrativas antigas similares foi o principal móvel deste estudo, tal como classicistas holandeses e também estudiosos das EQMs já começaram a fazer.

---

Menor (*A República*, cap. 6, ‘O sonho de Scipião’), optou por seguir passo a passo ‘o mito de Er’, com exceção da ressurreição, enquadrando o episódio *em um sonho*. Fernando Antolín (lastreado em Pierre Boyancé: *Études sur le ‘Songe de Scipion’*. Paris, Bibliothèque des Universités du Midi, 1936, pp. 51 ss) afirma que ‘a razão que induziu Cícero a substituir a morte e ressurreição de Er por um sonho foram as zombarias com que os epicuristas, em especial Colotes [de Lâmpsaco, 320-268], dirigiram à pretensa ressurreição do protagonista de Platão. O sonho constitui um dos meios de adivinhação natural ... por isto Cícero pode se permitir utilizar um sonho sem diminuir a seriedade e o rigor científico’” (*Introdução*. In: Comentario [de Macrobio] al sueño de Escipión, p. 35, n. 72. Madrid: Gredos, 2006) (NTP).

<sup>3</sup> Sábios holandeses têm se destacado no estudo das EQMs, inclusive retrazando sua história. No artigo *Três Relatos Antigos de EQMs: Bremmer Revisitado*, de Marinus van der Sluijs (2009), este classicista holandês dirige de seu compatriota Jan Bremmer (2002. *The rise and fall of the afterlife: The 1995 Read-Tuckwell Lectures at the University of Bristol*. New York: Routledge) quanto à tese de que as ocorrências da antiguidade não foram EQMs. Mantenho uma posição intermediária: o conteúdo das EQMs antigas tem a marca de seus escritores; todavia, a estrutura (Sluijs a descreve ponto por ponto em seu artigo) é claramente de EQMs. Presumo que casos de EQMs considerados válidos e persuasivos eram conhecidos naquela época, tanto que Platão, Plutarco e Cícero optaram por sustentar suas convicções dentro do formato desses fenômenos (NTP).

## Introdução dos Tradutores Americanos

Este tratado de Plutarco talvez seja uma de suas obras mais admiradas desde a antiguidade. De certo modo, isto é demonstrado pela transcrição e adaptação de Proclo (conhecida pela tradução latina de Guilherme de Moerbeke<sup>4</sup>) e também pelos fragmentos gregos encontrados em João Filopono, Joannes Lydus, o Pseudo-Dionísio e, sobretudo, em Isaac Sebastocrator, irmão do imperador Alexis Comneno.<sup>5</sup> Nos tempos modernos há a tradução de Joseph de Maistre,<sup>6</sup> seu tradutor mais famoso; mas, já no séc. XVI, a obra foi traduzida na Alemanha, primeiro para o latim e, depois, no séc. XVIII, para o alemão, tendo também grande repercussão nos EUA, onde já no séc. XIX existiam três traduções para o inglês.

Plutarco dedica o diálogo a Quietos, provavelmente a mesma pessoa que aparece em *De fraterno amore* 478b e nas *Quaestiones Convivales* 632a, que poderia ser T. Avidio Quietos, senador e procônsul na Acaia, mencionado por Plínio, o jovem, em uma carta datada de 102, e que morreu provavelmente antes de 107. Houve também outro T. Avidio Quietos, seu filho, que foi cônsul no ano 111 e procônsul na Ásia pouco antes de 127. Segundo K. Ziegler,<sup>7</sup> a qualquer um destes a obra pode ter sido dirigida, visto que não sabemos se as duas obras acima mencionadas foram escritas antes ou depois do ano 107 e, o nosso diálogo, como veremos de imediato, pode ter sido composto a partir do ano 81.

A conversa ocorre em Delfos, onde Plutarco foi um dos dois sacerdotes de Apolo, e o cenário de fundo é real, pois seus interlocutores são seu irmão Timón, seu genro Patrócleas e um certo Olímpico, que também aparece nas *Quaestiones Convivales*. O pretexto para o início do diálogo é a saída abrupta de um epicurista (cujo nome não é dito) que não espera uma resposta às suas palavras. Após alguns comentários, Patrócleas aponta a demora dos deuses em castigar os malvados como o problema mais grave que surgiu na conversa. Este será o tema a ser desenvolvido ao longo da discussão, na qual Plutarco atua como moderador, concilia as diversas opiniões e, principalmente, as objeções levantadas por Olímpico. Após um longo *lógos*, Plutarco oferece um *mythos*, um relato corroborativo, com certa hesitação perante as possíveis reações de descrença de seus interlocutores que, ao contrário, encorajam-no a contá-lo. Trata-se do ‘mito de Téspésio’, personagem fictício criado por Plutarco, que usou como fonte de inspiração o ‘mito de Er’ do livro X de a *República* de Platão, como já pode ser percebido até na escolha do nome do herói, Arideu,<sup>8</sup> nome que este carrega até sua estada no mundo além-túmulo, onde recebe o nome de Téspésio, o “divino”. Este relato começa na parte 23 e se estende até o final da obra, constituindo sua culminância. Neste, Plutarco desenvolve amplamente sua fé na sobrevivência da alma no além em um mundo de castigos para aqueles que aqui delinquiram. Dada a abordagem

---

<sup>4</sup> Publicada por Víctor Cousin, *Procli Philosophi Platonici opera*, Paris, 1864 (NTE).

<sup>5</sup> Os últimos foram publicados por J. Dornseiff, em *Zehn Aporien über der Vorsehung*, 1966 (NTE).

<sup>6</sup> Joseph de Maistre, *Sur les délais de la justice divine*, Paris, 1858 (NTE).

<sup>7</sup> *Plutarcos von Chaironeia*. Stuttgart, 1949, col. 55 (NTE).

<sup>8</sup> O modelo será o Ardiu de Platão, *República* X 615c (NTE).

da obra, não se ocupa do prêmio às almas dos bons em sua existência *post mortem*, aspecto que completa, por outro lado, o mito de Sila em *De facie quae in orbe lunae apparet*.

Quanto à cronologia, podemos assegurar que a obra não foi escrita antes do ano 81 d.C., graças aos dados internos que ela mesma fornece. Assim, ao final do mito, a Sibila prediz a erupção do Vesúvio (ocorrida no ano de 79) e a morte do “atual imperador” que, “mesmo sendo bom, deixará o poder por uma enfermidade”. Este imperador não pode ser Nero, pois este não morreu de forma natural e já aparece condenado entre os culpados do mito. Daqueles que o sucederam, apenas Vespasiano e Tito tiveram morte natural. O qualificativo “bom” não pode se referir a Vespasiano, uma vez que este privou a Grécia das concessões feitas por Nero. Portanto, só pode se referir a Tito, que era muito querido e morreu no ano 81.

Este tratado tem o nº 91 no “Catálogo das Lâmpadas”.

## SOBRE A DEMORA DA VINGANÇA DIVINA

Plutarco de Queroneia

**22.** ... Então, eu contei a história: um homem de Sóli (parente e amigo daquele Protógenes<sup>9</sup> que já esteve aqui conosco), após ter vivido a primeira parte de sua vida em grande dissipação, rapidamente perdeu seus bens. Por algum tempo, a necessidade fez dele um miserável. Arrependido, buscando reaver sua fortuna (que agora cortejava, agindo como os libertinos que, quando têm uma esposa não a mantêm, mas a deixam ir e, depois, tentam novamente seduzi-la quando ela se une a outro), não se abstinha de nenhum ato vergonhoso que o conduzisse ao prazer ou ao ganho e, assim, não obteve sucesso considerável, mas em pouco tempo alcançou uma reputação prodigiosa de desonestidade. Porém, o maior golpe em seu bom nome foi uma resposta transmitida a ele pelo Oráculo de Anfíloco.<sup>10</sup> Ao que parece, ele fez perguntar ao deus se o restante de sua vida seria melhor, e este respondeu que ele estaria melhor quando morresse.

Em certo sentido, pouco tempo depois foi isso que lhe aconteceu. Ele caiu de certa altura sobre o pescoço<sup>11</sup> e, embora não houvesse ferimentos, mas apenas uma concussão, ele morreu. E reviveu no terceiro dia, na hora de seu funeral.<sup>12</sup> Recuperando rapidamente suas forças e seus sentidos, imprimiu uma mudança incrível em seu modo de vida. Com efeito, os cilícios daqueles dias não conheceram ninguém mais honesto em seus compromissos ou mais piedoso para com os deuses, nem mais duro com os inimigos e fiel aos amigos. A mudança foi tão profunda que quem o conheceu desejava saber a causa desta transformação, supondo que nada comum poderia ter levado a uma reforma tão grande de caráter;<sup>13</sup> o que era verdade, como transparece na história contada por ele mesmo a Protógenes e a outros amigos dignos.

**23.** Ele disse que, quando sua inteligência<sup>14</sup> foi separada do corpo, a mudança o fez sentir como um timoneiro inicialmente se sentiria ao ser lançado nas profun-

---

<sup>9</sup> Protógenes de Tarso é mencionado em *Moralia* 749b (NTI). Segundo Aguilar, trata-se do “gramático Protógenes de Tarso que nas *Quaest. Conviv.* intervém várias vezes. Também em *Amatorius* 749b aparece relacionado a Plutarco por laços de hospitalidade” (NTE).

<sup>10</sup> Um celebrado oráculo em Malos, na Cilícia: cf. *Moralia* 434d (NTI). Anfíloco, filho do adivinho Anfiarão, fundou um oráculo em Malos, na Cilícia (perto de Sóli, portanto) que, pelo que nos informa esta passagem, ainda existia ao tempo de Plutarco; ver *Def. orac.* 434d (NTE).

<sup>11</sup> O pescoço é o “istmo e limite” entre a cabeça (a morada da parte divina da alma) e o corpo (a morada de sua parte mortal); cf. Platão, *Timeu*, 69 c-e (NTI). Já em Homero, o pescoço possui uma função importante na separação da alma e do corpo. Em Platão, *Timeu* 69e, trata-se do “istmo e limite” entre a cabeça (onde a parte divina da alma habita) e o corpo (onde sua parte mortal vive). Porém, no ‘mito de Timarco’, *De Genio Socratis* 590b, a alma sai pelas suturas da cabeça. Em ambos os casos, trata-se de uma morte aparente; cf. o ‘mito de Er’ em Platão, *República* 614b (NTE). Observo que o médico A. S. Wiltse, em sua EQM, em 1889, afirmou ter visto as suturas de seu crânio à medida que deixava sua cabeça (NTP).

<sup>12</sup> Cf. Platão, *República* 614b (NTI).

<sup>13</sup> Uma profunda mudança de caráter resultou de muitas EQMs modernas (NTP).

<sup>14</sup> Como será visto mais adiante, *tò phronóin* é a parte superior da alma, dentro da divisão bipartida de Plutarco entre a parte pensante e a parte irracional, designada nessa mesma passagem como *he álle psyché* (NTE).

dezas do mar.<sup>15</sup> A impressão seguinte foi de que ele havia subido um pouco,<sup>16</sup> respirava por todo o seu ser e via por todos os lados, como se sua alma fosse um único olho.<sup>17</sup> Mas nada do que viu era familiar, exceto as estrelas, que pareciam ser muito grandes e estarem muito distantes, emitindo brilhos admiravelmente coloridos com certa coesão. Nesse momento, sua alma navegava suavemente na luz como um navio em mar calmo, movendo-se com facilidade e rapidez em todas as direções.

Afora a maioria das coisas vistas, ele disse que quando as almas dos mortos vinham de baixo, assemelhavam-se a uma chama se deslocando pelo ar em uma bolha.<sup>18</sup> Em seguida, quando tais bolhas estouravam suavemente, surgiam formas humanas, mas eram leves<sup>19</sup> em volume e realizavam movimentos estranhos.<sup>20</sup> Algumas saltavam com espantosa leveza e disparavam no ar em linha reta, outras giravam em círculo como fusos e, inclinando-se para cima e para baixo, moviam-se em uma espiral complexa e desordenada e, após muito tempo, reequilibravam-se com dificuldade.<sup>21</sup>

Com efeito, ele não pôde reconhecer a maioria das almas, mas vendo duas ou três conhecidas, tentou se aproximar para lhes falar. No entanto, estas não o escutavam e nem estavam em seu juízo perfeito. Enlouquecidas e assustadas, evitavam toda visão e contato, a princípio se fechando em si mesmas;<sup>22</sup> depois, encontrando muitas outras em igual condição, agarravam-se-lhes e bailavam em variados movimentos sem nenhum propósito, lançando gritos desarticulados mesclados a uivos de lamento e de terror.<sup>23</sup> Por outro lado, almas brilhantes acima, em uma região pura do ambiente,<sup>24</sup>

---

<sup>15</sup> Para a comparação da alma ou intelecto com um piloto ou marinheiro (implícito aqui e em *Moralia* 586a), cf. Platão, *Fédro* 247c, Aristóteles, *De Anima*, II 1 (413a) e Alexander, *De Anima*, XV 9. Cf. também *Moralia* 1008a (NTI). Para a comparação da parte superior da alma com um piloto, Plutarco pode ter se inspirado em Platão, *Fédro* 247c. Ele também usa este símile em *De Genio Socratis* 586a (NTE).

<sup>16</sup> Sua inteligência se elevou do fundo do ar para a envolvente esfera de fogo, e isto lhe pareceu uma curta distância. Ao deixar o corpo, a alma sobe; cf. Cícero, *Tusc. Disput.* I 17-18 e 40-43 (NTI). Considere-se os vários relatos de EQMs nos quais, em uma experiência fora do corpo, o experienciador afirma ver tudo do teto (NTP).

<sup>17</sup> A inteligência é o olho da alma; cf. Platão, *República*, 519b, nota de Shorey. A alma desencarnada agora vê sem a intervenção das “aberturas” ou “janelas” corpóreas; para estas, cf. Cícero, *Tusc. Disput.* I 20 e 46, com nota de Pohlenz, e Lucrecio, III 360 (NTI). Esta respiração mais plena ocorre também em Timarco, *De Genio Socratis* 590b, quando sua alma sai pelas suturas da cabeça (NTE).

<sup>18</sup> Uma película de ar da região sublunar envolve a alma (que, para os propósitos do mito, é ígnea), enquanto esta sobe para o empíreo (NTI).

<sup>19</sup> Cf. *Moralia* 1105d (NTI).

<sup>20</sup> Para a forma da alma dos mortos, ver *Fac. Lun.* 945a. Aqui se reúnem duas tradições: a peripatética (cf. Eliano, *Var. Hist.* II [Hercher] e a estoica (Crisipo, *Stoic. Vet. Frag.* II 815), para as quais a alma dos mortos tem a forma esférica, e a pitagórica, na qual as almas conservam a forma do corpo que deixaram (Diógenes Laécio, VIII 31). Quanto à bolha de fogo, esta poderia ser uma reminiscência de Heráclito, oriunda do estoicismo, cf. *Comm. not* 1084d (NTE).

<sup>21</sup> As almas puras seguem para o alto, as demais se movem com movimentos desordenados. Cf. o mito de Timarco em *De Genio Socratis* 592 a-b, no qual o mesmo vocabulário é utilizado. Em Platão, *Timeu* 43b, fala-se dos movimentos desordenados que a sensação imprime à alma (NTE).

<sup>22</sup> Para o isolamento das almas impuras após a morte, cf. Platão, *Fédon* 108 b-c, e a doutrina pitagórica em Diógenes Laécio VIII 31. Cf. também Plutarco, *Frag. Inc.* 146 (VII, pp. 174. 20-175, 1 Berna) (NTI).

<sup>23</sup> Cf. *Moralia* 610c (NTI).

<sup>24</sup> Em *Moralia* 943c é dito que as almas boas habitam por um período fixo a “parte mais amena do ar”. Cf. também Platão, *República* 520d (NTI). Ver *Fac. Lun.* 943c, onde as almas boas se purificam na parte mais suave da atmosfera (NTE).

possuíam aspecto alegre e por amizade muitas vezes se aproximavam, mostrando sua satisfação e boas vindas por expansão e difusão;<sup>25</sup> porém, evitavam as almas tumultuadas, sinalizando seu desagrado se contraindo em si mesmas.

**24.** Ele afirmou ter reconhecido ali a alma de um parente, embora não distintamente, pois era apenas uma criança quando aquele morreu. Mas o parente se aproximou e disse: “saudações Tespésio”.<sup>26</sup> Ele ficou surpreso e respondeu que seu nome não era Tespésio, mas Arideu. “Antes sim, mas doravante seu nome será Tespésio”,<sup>27</sup> disse ele, “pois você ainda não morreu, mas chegou aqui por decisão divina com a parte inteligente de sua alma, deixando o resto em seu corpo como uma âncora. De agora em diante, saiba disso por este sinal: as almas dos mortos não projetam sombra e nem piscam os olhos”.<sup>28</sup> Ao ouvir isto, Tespésio, por um esforço de pensamento, controlou-se e, olhando fixamente ao seu redor, viu de relance uma linha sombreada<sup>29</sup> suspensa com ele, enquanto as outras almas eram luminosas e transparentes por dentro, embora não inteiramente no mesmo grau. Algumas eram como a lua cheia em sua fase mais clara, brilhando uniformemente com um único matiz suave e ininterrupto; outras estavam cobertas de manchas, por assim dizer, ou leves hematomas. Outras estavam completamente manchadas e tinham aparência estranha, como as víboras de manchas pretas, e outras ainda apresentavam traços desbotados que pareciam cicatrizes.<sup>30</sup>

**25.** O parente de Tespésio (nada nos impede de nos referirmos assim à alma de um homem) começou a explicar: “Adrasteia”,<sup>31</sup> disse ele, “filha de Ananké e de

---

<sup>25</sup> Cf. *Moralia* 590c (NTI).

<sup>26</sup> Em *Or.* XXVI (I 53 Keil) Aristides sonha que Asclépio se dirige a ele como Teodoro (NTI). Reconhecer parentes falecidos é uma ocorrência comum em EQMs – todavia, por vezes ocorre que a pessoa vista não esteja morta, mas viva, e agindo no exato momento em que é visto. Por esta razão e outras, distingo duas fases nas EQMs e também nas EFCs, uma em que há corroboração material do que foi visto e outra que, em uma queda do poder da mente que vivencia a experiência, esta se transforma em um sonho lúcido (NTP).

<sup>27</sup> Enquanto Timarco, no mito em *De Genio Socratis*, tem por guia uma voz que não consegue identificar com uma pessoa, neste mito o guia é pessoal. A mudança de nome tem um caráter místico entre os gregos. Nas apo-teoses se mudava de nome: Semelê passa a se chamar Tione, sua irmã Ino se torna a deusa marinha Leucótea (NTE). Arideu passa por esta experiência, segundo seu parente, por uma dispensação divina. Assim, seu nome é alterado para *Tespésio*, ou seja, “o divino” (também significa “estranho”) (NTP).

<sup>28</sup> Cf. *Moralia* 300c, na qual essa crença é atribuída aos pitagóricos (NTI). Veja *De Iside et Osiride* 370c, na qual as almas dos mortos não têm sombra. Plutarco atribui essas crenças aos pitagóricos em *Aet. Graec.* 300c (NTE). O parente de Tespésio lhe dá uma dica para verificação imediata: distintamente das outras almas, que são livres, Tespésio constata estar ligado ao seu corpo por uma linha que projeta sombra, ou seja, ele *não é* uma alma desencarnada - está vivo. “Não piscar os olhos” parece estar ligada a uma frase anterior, na qual Tespésio afirmou enxergar por todo o seu ser. Ou seja, a alma conheceria ininterruptamente (NTP).

<sup>29</sup> Trata-se da sombra do “cordão”; cf. 566d na sequência (NTI). No artigo *Um dos Primeiros Casos Modernos de EQM com EFC* (2022), escrevi que “certa tradição ... chama o cordão descrito por Wiltse (o médico que teve a EQM do artigo) de ‘cordão de prata’; uma interpretação corrente liga este cordão ao livro *Eclesiastes*, 12:6, e aquele seria a ligação do corpo com a alma; logo, sua ruptura implicaria a separação de ambos e a morte do corpo físico (há outras interpretações para o cordão de prata citado nesse livro)”. Plutarco cita aqui um ‘cordão’ que liga alma e corpo; seria o testemunho da presença de tal dispositivo em duas culturas antigas distintas? Várias EQMs modernas tocam neste tema (NTP).

<sup>30</sup> Ver mais adiante, em 565 c-d, e compare com o “mito de Timarco”, em que a coloração desempenha um papel importante na história das ilhas (590d). A origem desse simbolismo não é clara, embora pareça oriental; por outro lado, para as almas com cicatrizes, cf. Platão, *República* 611 c-d e *Gorgias* 524c (NTE).

<sup>31</sup> Cf. Platão, *Fédro* 248c, Adrasteia significa “a inescapável” (NTI).

Zeus, é a recompensadora suprema. Todas as injustiças lhe são conhecidas e nenhum criminoso é tão grande ou pequeno a ponto de se lhe escapar pela força ou furtivamente. Há três outras, e cada uma é a guardiã ou ministra um castigo distinto. Aqueles que são punidos ainda no corpo e através dele são tratados pela veloz Poiné, de um modo comparativamente gentil e que negligencia muitas faltas que requerem purificação. Aqueles cuja maldade é mais difícil de curar são entregues à Diké por seu demônio, após a morte,<sup>32</sup> enquanto aqueles totalmente incuráveis (que foram rejeitados por Diké) são perseguidos pela terceira e mais severa das ministras de Adrasteia, Erínis, enquanto correm e tentam fugir.<sup>33</sup> Com procedimentos diferentes para cada um, mas sempre lamentáveis e cruéis, ela esconde e aprisiona a todos em um lugar indescritível e invisível”.<sup>34</sup>

“Dentre os diferentes castigos”, disse ele, “o aplicado em vida por Poiné se assemelha àqueles praticados pelos bárbaros. Assim como os persas arrancam e açoitam os mantos e os turbantes dos castigados,<sup>35</sup> enquanto estes imploram com lágrimas por misericórdia, assim também os castigos executados sobre os bens e os corpos não propiciam um contato doloroso e não alcançam a maldade mesma. Ao contrário, na maioria das vezes tocam apenas na opinião e nos sentidos”.

**26.** “Mas quem aqui chega do mundo inferior impune e impuro é capturado por Diké<sup>36</sup> e conduzido com a alma exposta e nua,<sup>37</sup> incapaz de se refugiar, pôr-se fora de vista ou disfarçar sua injustiça, mas permanece totalmente visível a todos e por to-

---

<sup>32</sup> Cf. Platão, *Fédon* 107d e 113d. Uma forma religiosa e personificada de falar da “sorte” de um homem é chamá-la de seu *daemon* (NTI). Trata-se de um tema muito forte na mentalidade grega antiga. Acreditava-se que a todo homem cabia ao menos um *daemon*, que poderia ser um *eudaemon*, um demônio bom (esta palavra também é a raiz da palavra “felicidade”, *eudaemonia*, ou seja, ter sorte ou felicidade na vida consiste em ser acompanhado por um demônio bom) ou não. Algo similar a um “anjo da guarda” ou seu oposto. Na mitologia nórdica, Odin sabia de tudo graças a dois corvos que pousavam em seus ombros e lhe contavam o que viram. Aqui, o próprio demônio de uma pessoa entrega à deusa a alma de seu acompanhado para ser vingada (NTP).

<sup>33</sup> Sobre a origem dessas divindades como vingadoras há abundantes testemunhos. Assim, em Platão, *República* 451a, Sócrates se dirige a Glauco dizendo: “eu me prostro diante de Adrasteia”, visto que esta era considerada a responsável por castigar as palavras orgulhosas. Igualmente Ésquilo, *Prometeu* v. 936: “aqueles que se prostram diante de Adrasteia são sábios”, o que parece ecoar nas palavras de Platão. A originalidade de Plutarco consiste em apresentá-la relacionada às outras três divindades. Diké, filha de Zeus e de Têmis (segundo Hesíodo, *Teogonia*, v. 90), aparece ligada à Poiné como vingadora em Ésquilo, *Coéforas* v. 947, e com Erínis, em *Eumênides* 510 e *Agamenón* 1432. Também aparece no papel de vingadora em Sófocles, *Ájax* 1390, *Antígona* 451 e *Traquínias* 808. Em Eurípides, *Medeia* 1389, Erínis aparece relacionada às Hárprias como divindades do vento que capturam no ar a quem perseguem. Talvez isto também esteja relacionado ao local de castigo, que parece estar localizado entre a terra e a lua, em uma região etérea, embora em Homero e Ésquilo apareçam no mundo inferior. Poiné, mencionada primeiramente neste mito, começa como uma personificação poética. Já a vimos relacionada à Diké em Ésquilo e desde os tempos helenísticos se encontram regularmente as *Poinai* junto com as Eríneas. Uma imagem semelhante é usada por Plutarco no mito do *De Genio Socratis* 591b, com Moira, filha de Ananké, presidindo Átropo, Cloto e Láquesis (NTE).

<sup>34</sup> Ou seja, os injustos não são mais vistos e ouvidos; cf. *Moralia* 1130e. Etimologicamente, Hades significa “invisível” (NTI). Isto é, onde não podem ser ouvidos ou vistos. Cf. *An recte dictum sit latenter esse vivendum* 1130 d-e (NTE).

<sup>35</sup> O castigo de Poiné é comparado ao costume persa (cf. *Reg. et imp. apophth.* I73d) de chicotear as vestes dos castigados. O mesmo retrato é encontrado em *Aud. Poet.* 35e, com os castigos que só afetam o corpo e não corrigem a alma (NTE).

<sup>36</sup> Cf. Platão, *República* 615e (NTI).

<sup>37</sup> Cf. Platão, *Górgias* 523 d-e (NTI).

das as partes. Desse modo, Diké o mostra primeiramente a seus pais e antepassados virtuosos (caso sejam), como alguém execrável e indigno. E se eles não forem virtuosos, vendo-os também castigados e sendo visto por eles, ele é castigado por muito tempo,<sup>38</sup> sendo libertado de suas paixões através de dores e de tormentos que, em magnitude e intensidade, superam os carnavais tanto quanto a realidade da vigília é mais clara do que o sonho”.

“As cicatrizes e as chagas<sup>39</sup> deixadas pelas diferentes paixões persistem em alguns mais, em outros menos. Observe”, disse ele, “nas almas essa mistura e variedade de cores. O marrom opaco é a mancha que vem da mesquinhez e da cobiça; o vermelho-sangue ardente provém da dureza e da crueldade. Onde a cor é o cinza azulado, alguma incontidência nos prazeres foi apagada com dificuldade, enquanto que se o rancor se une à inveja, um verde lívido é emitido tal como a tinta das lulas. Com efeito, no mundo inferior, a maldade se manifesta em cores, assim como a alma é alterada pelas paixões e, por sua vez, altera o corpo. Aqui, a finalidade da purificação e do castigo é alcançada quando tais marcas são completamente apagadas e a alma reaparece luminosa e uniforme em sua cor. Mas, enquanto as paixões permanecerem lá dentro, ocorrem recaídas acompanhadas de palpitações e de sobressaltos, uma convulsão que em certas almas mal se manifesta e logo desaparece, mas que se prolongam intensamente em outras. Reiteradamente castigadas, algumas almas recuperam seu estado e disposição adequados; porém, em outras, a violência de sua ignorância e a ‘forma’<sup>40</sup> de seu amor ao prazer as arrastam novamente a corpos de seres vivos. Com efeito, pela fraqueza de sua razão e negligência na contemplação, uma alma se lança ao nascimento por propensão prática. Outra, que precisa de um instrumento para sua licenciosidade, anseia por costurar desejos com prazeres em uma só peça e satisfazê-los por meio do corpo, pois aqui existe apenas uma sombra imperfeita, um sonho de prazer nunca consumado”.

**27.** Após dizer isso, o guia fez Tespésio atravessar uma distância imensa, a seu ver, veloz, fácil e precisamente, como que por asas, sobre raios luminosos até que, ao chegar a um precipício grande e profundo,<sup>41</sup> foi deixado pela força que o sustentava. Ele viu que a mesma coisa acontecia com as demais almas. Com efeito, como um bando de pássaros, elas voavam baixo circulando o abismo, mas não ousavam atravessá-lo. Em seu interior, o abismo se parecia com as grutas báquicas, salpicado de ramos,

---

<sup>38</sup> Em Platão, *República* 615 a-b, os injustos devem pagar por seus crimes dez vezes mais e por um tempo dez vezes maior do que o da vida humana, fixado em cem anos (NTI).

<sup>39</sup> Cf. Platão, *Górgias*, 524e e Arrian, *Epict.* II 18 11 (NTI).

<sup>40</sup> *Eidos* (“forma”) é uma palavra ambígua. Em *Moralia* 945a é dito que a alma recebe uma impressão do intelecto e a repassa ao corpo, ao mesmo tempo envolvendo-o por todos os lados e assumindo seu *eidos* ou forma. Assim, a alma é chamada de *eidolon* (“fantasma”) quando, ao ser separada do intelecto ou do corpo, retém por muito tempo a *eidos* de ambos (NTI). Em grego *eidos*. Compare com o *eidolon* do *Fac. Lun.* 945a; a alma, quando separada dela a parte inteligente (*noûs*), ainda mantém sua *eidos* impressa (NTE).

<sup>41</sup> Esse abismo é uma passagem em forma de tubo que conecta o céu e a terra. Cf. *Fac. Lun.* 944 b-c. A origem das duas passagens deve ser Platão, *República* 614c, na qual há quatro aberturas, duas que se comunicam com o céu e duas com a terra (NTE).

vegetais e flores de todas as cores.<sup>42</sup> Dali soprava uma brisa branda e suave, trazendo odores maravilhosamente agradáveis e a embriaguez que o vinho produz em quem o bebe em excesso.<sup>43</sup> As almas que se deleitavam nos bons odores se tornavam expansivas e amigas umas das outras. O lugar todo estava repleto de folia e de risos báquicos, além de todos os jogos e prazeres. O guia disse que Dionísio passou por aquele lugar em sua ascensão aos deuses e mais tarde também, quando conduziu Semelê para cima.<sup>44</sup> A região foi chamada de o Lugar do Esquecimento.<sup>45</sup> Por isto o guia não consentiu que Tespésio, apesar de seu desejo, permanecesse ali e o arrastou à força, explicando-lhe que a parte inteligente da alma se dissolve<sup>46</sup> ao se umedecer pelo prazer; a parte irracional e corporal, reanimada e rediviva, introduz a memória do corpo. E tal lembrança desperta um desejo e uma saudade que arrasta ao nascimento, que assim se chama por ser uma inclinação<sup>47</sup> à Terra de uma alma carregada de umidade.<sup>48</sup>

**28.** Prosseguindo, ele viu ao longe o que pensou ser uma grande cratera,<sup>49</sup> para cujo interior confluíam riachos: um mais branco do que a espuma do mar ou a neve, outro como o violeta do arco-íris e outros de diferentes matizes, cada um tendo de longe um brilho próprio. Mas, à medida que se aproximavam, a cratera se revelava

---

<sup>42</sup> As “grutas báquicas” enfeitadas com flores nas festas de Dionísio são conhecidas desde a época helenística. Assim, Filodamo, *Peán a Dioniso* (Powell, *Colectanea Alexandrina*) menciona “grutas floridas” no v. 30 (embora se referindo a Elêusis) e no v. 140 o “covil do Deus”. Cf. também Filóstrato, *Descripciones de cuadros*, I, 14 (NTE).

<sup>43</sup> Cf. *Moralia* 437e e Macróbio, *Comm. in Som. Scip.* I 12 17; cf. também *Moralia* 362 a-b (NTI).

<sup>44</sup> Dionísio retirou sua mãe mortal, Semelê, do Hades e a tornou imortal; cf. Diodoro, IV 25 4; Pausânias, II 31 2, 37 5; e Apolodoro, III 5 3, com nota de Frazer. Os platonistas posteriores consideravam Dionísio, filho de Semelê, o deus que presidia o renascimento; cf. Hermeias, *In Plat. Phaedr. Schol.* XXIV, p. 32, 11-14, 55 21 (ed. Couvreur); Proclo, *In Tim.* III p. 421 29f (ed. Diehl); Olympiodorus, em *Fédon* p. 208, 1f (ed. Norvin) (NTI). Nessa passagem, Plutarco ecoa uma lenda menos conhecida sobre a ascensão de Semelê a partir do Hades que, como imortal, recebe o nome de Tione. A versão mais divulgada do relato conta como Semelê, atingida por um raio, foi levada por Zeus para o Olimpo após sua morte (Arist, I, p. 47 Dindorf; Filostr. *Descr. de cuadros* I 14), ou por Dionísio quando adulto (Apolod., III 5, 3; Diod., IV 25), mas sem mencionar a passagem por essa abertura ou portal (NTE).

<sup>45</sup> *Léthe* em grego. Segundo ensinamentos órficos, a fonte do rio *Léthe* produzia o esquecimento naqueles que seguiam para o Hades, mas aqueles que voltavam à Terra também bebiam de sua água para apagar a memória do passado. Na caverna de Trofônio (onde ocorre a visão de Timarco em *De Genio Socratis*) havia uma fonte do *Léthe* e outra de Mnemosine, segundo Pausânias, IX 39 4. Uma nova relação entre *Léthe* e Dionísio é encontrada em Plutarco em *Quaest. Conv.* 705b, na qual ele diz que a antiga crença de que Dionísio era filho de *Léthe* é falsa. Como deusa entronizada no submundo, ela aparece em *De E apud Delphos* 394a. Cf. Platão, *República* 621a, onde ele descreve a planície de *Léthe*, mas não podemos identificar ambas as passagens em seu significado (NTE).

<sup>46</sup> Para a imagem da dissolução, cf. Platão, *República*, 411b; para a liquefação cf. *Moralia* 1053 a-c. (NTI).

<sup>47</sup> Cf. o fragmento *Sobre a Alma* II (VII, p. 22) (NTI).

<sup>48</sup> Assim, quando o fogo ou o ar se transforma em água, torna-se líquido e pesado (NTI). Em *De Genio Socratis* 591 f, Plutarco apresenta um demônio ou uma voz guia indicando a Timarco como as almas (na forma de estrelas) saem de um abismo, sacodem a lama e a escuridão e passam a brilhar. Portanto, há uma concepção negativa da umidade relativamente à alma, crença que, aparentemente, também era compartilhada pelos estoicos, vide *Stoic. Rep.* 1053 b-c. Por outro lado, melhor será a “alma seca” de Heráclito (frag. 118 Diels), cujo reflexo se observa na passagem citada e em outras citações que Plutarco faz dela. O jogo de palavras: *gênesis* (nascimento) e *neûsis epì gên* (inclinação à terra), também foi usado por Plutarco em *De anima* (frag. 177 Sandbach, procedente de Estobeu) (NTE).

<sup>49</sup> Cratera é o nome da vasilha na qual os gregos misturavam água e vinho nas festas. Daí o símile, que se desvanece quando nos aproximamos e vemos tal como realmente é (NTE).

um abismo profundo no ambiente e, à medida que as cores desbotavam, com exceção do branco, o brilho desaparecia. Ele viu três demônios sentados juntos em uma formação triangular<sup>50</sup> mesclando as águas segundo certas proporções.<sup>51</sup> O guia de Tespésio lhe disse que Orfeu havia passado por ali quando procurava a alma de sua esposa; mas, ao cometer um erro de memória,<sup>52</sup> espalhou entre os homens a história falsa de que em Delfos o oráculo era consagrado a Apolo e à Noite;<sup>53</sup> mas Apolo e a Noite não fizeram parceria. “Em vez disso”, disse ele, “há um oráculo compartilhado pela Noite e pela Lua, sem saída em nenhum lugar na Terra e na qual não há uma única sede,<sup>54</sup> mas ele vagueia por toda parte entre os homens em sonhos e visões.<sup>55</sup> Pois este é a fonte da qual os sonhos derivam e disseminam o simples e o verdadeiro, misturado, como você vê, ao colorido e ao confuso”.<sup>56</sup>

**29.** “Quanto ao Oráculo de Apolo”, disse ele, “já não estou certo de que você poderá avistá-lo. Pois o cordão de sua alma não afrouxa e nem folga para cima, mas se mantém firmemente atado ao corpo”.<sup>57</sup> Ao mesmo tempo, ele se esforçava para atrair Tespésio e lhe mostrar a luz que vinha do trípode<sup>58</sup> que, como explicou, apoiava-se no Parnasso e passava pelo golfo de Themis.<sup>59</sup> Ainda que desejasse, Tespésio não a viu devido ao seu esplendor. Em vez disso, ouviu de passagem uma voz aguda de mulher que, em verso, vaticinava dentre outras coisas também, aparentemente, a data

---

<sup>50</sup> Cf. Platão, *República* 617b (NTI).

<sup>51</sup> O esquema triangular dos demônios pode ter sua origem em Platão, *República* 617 b-c: *périx disou três* referindo-se a Láquesis, Átropo e Cloto que presidem o oráculo de *Ananké* e que também aparecem em *De Genio Socratis* 591 b-c e *Fac. Lun.* 945d, nos mitos de Timarco e de Sila, respectivamente (NTE).

<sup>52</sup> Aqui, sem dúvida, há uma polêmica contra a interpretação do oráculo de Delfos atribuída a Orfeu. Cf. Dietrich, *Nekyia*<sup>2</sup>, p. 147, que aponta que um poema órfico foi chamado de “Cratera”. A mistura de verdade e de falsidade na cratera pode ter gerado o ponto polêmico (NTI).

<sup>53</sup> A Noite presidiu o oráculo de Delfos antes de Themis e de Apolo: cf. um escólio sobre Píndaro, *Odes Pítrias* (II, p. 2 6 Drachmann) (NTI).

<sup>54</sup> Cf. *Orphicorum Fragmenta*, Pars Posterior, n. 294 (ed. Kern). Para a noção de que um oráculo nesta região pode ter uma saída na Terra, cf. 566d *na sequência*, em que é dito que a luz do trípode de Apolo repousa sobre o Parnaso, a sede do oráculo de Delfos (NTI).

<sup>55</sup> Segundo crenças antigas, o Oráculo de Delfos foi primeiramente domínio da Noite, depois de Themis, antes de ser dirigido por Apolo. Com essa explicação, como sacerdote de Apolo, Plutarco faz propaganda para uma instituição muito decadente em sua época, não obstante o impulso fornecido pela proteção de Adriano. Portanto, as visões recebidas em sonho são da Noite e da Lua, em cuja região as almas se purificam, como explica o estrangeiro no mito de *Fac. Lun* (NTE).

<sup>56</sup> O branco corresponde à verdade dos sonhos, as cores variadas à sua sedução; à distância (isto é, quando não se examina de perto), o enganoso e multicolorido é mais proeminente; de perto o branco predomina. Cf. *Moralia* 53d e *A Vida de Alcebiades*, XXIII 5 203c (NTI).

<sup>57</sup> Cf. a imagem da âncora (564c acima), a linha sombreada (564d acima) e o *sindesmos* ou “laço” do *De Genio Socratis*, 591f e 592b (NTI). O cordão da alma deve se relacionar ao símile da âncora visto anteriormente em 564c. Em *De Genio Socratis* 591f e 592b, ele aparece como um laço (NTE).

<sup>58</sup> Esse trípode celeste está evidentemente ligado a Delfos e pode simbolizar o sol; cf. Cornutus, *De Nat. Deorum*, XXXII (NTI). Esse trípode é, naturalmente, o trípode profético, como evidencia também a alusão ao Parnasso e a Themis (NTE).

<sup>59</sup> Themis precedeu a Apolo em Delfos (NTI).

de sua própria morte.<sup>60</sup> O demônio disse que a voz era da Sibila.<sup>61</sup> Com efeito, esta cantava o futuro enquanto era carregada sobre a face da lua. Ele quis ouvir mais, mas foi empurrado para trás, como em um redemoinho, pelo impulso da lua e escutou muito pouco. Dentre as profecias, ele se inteirou de algo sobre o Vesúvio, que Dicearquea<sup>62</sup> seria devorada pelo fogo e também ouviu um verso sobre o imperador da época que:

*'mesmo sendo bom, deixará o poder por uma enfermidade'*.<sup>63</sup>

**30.** Após isso, eles se voltaram para contemplar aqueles que estavam sendo castigados. Inicialmente, havia apenas espetáculos desagradáveis e tristes ante os olhos. Porém, Tespésio voltou a encontrar amigos, parentes e companheiros sendo castigados, drama que jamais teria expectado e, entre sofrimentos atrozes e tormentos ignominiosos, entes queridos se lamentavam e choravam diante dele. Por fim, viu seu próprio pai, repleto de estigmas e chagas, sair de uma vala e lhe estender os braços.<sup>64</sup> Os encarregados dos castigos não permitiram que seu pai permanecesse calado e o obrigaram a confessar<sup>65</sup> que havia se manchado ao envenenar alguns convidados ricos, o que passou despercebido a todos no mundo inferior; aqui, após ser condenado por seus crimes, já havia sofrido parte dos castigos e eles o conduziam para sofrer o restante. Tomado de horror e de medo, Tespésio não se atreveu a suplicar ou interceder por seu pai; desejando recuar e fugir, não viu mais aquele parente benevolente que havia sido seu guia. Levado a prosseguir por seres de aspecto assustador (pois era preciso atravessar aquele lugar), viu como o tormento dos criminosos condenados e castigados na Terra já não era exercido com a mesma dureza ali, pois agora se tratava apenas da parte irracional e passional da alma. Por outro lado, àqueles que viveram escondendo sua maldade e com fama de virtuosos, outros executores os obrigavam com dolorosos esforços a expor o interior da alma; então, eles se contorciam e se dobravam de forma anormal, tal como os caracóis marinhos se viram do avesso ao engolir um anzol.<sup>66</sup>

---

<sup>60</sup> Em tais visões, a morte do próprio vidente é frequentemente predita: cf. *Moralia* 592 e Homero, *Odisseia* XI 134-137 (NTI). É característico dessas visões conhecer nelas a notícia da própria morte. Cf. o mito em *De Genio Socratis* 592e, no qual Timarco também recebe a profecia de sua morte iminente (NTE).

<sup>61</sup> Vindas da Ásia Menor, as Sibilas logo foram incorporadas às lendas proféticas de Delfos. Cf. no próprio Plutarco, *De Pythiae oraculis* 398e. As profecias aqui feitas sobre a erupção do Vesúvio faz pensar na Itália (Magna Grécia) e na Sibila de Cumas. Sobre o movimento da lua, ver *Fac. Lun.* 922c e 958 f (NTE).

<sup>62</sup> Cf. *Moralia* 398e; Dicearacheia é a Pozzuoli moderna. Na conjectura de Reiske, o texto significaria “a iminente destruição de Dicearacheia pelo fogo”. Mas não há nenhuma evidência de que a cidade tenha sido queimada (NTI). Dicearacheia é a atual Pozzuoli. A erupção mencionada por Plutarco causou a destruição de Pompeia, Herculano e Estábia no ano 79 da nossa era, mas não há dados de que tenha destruído a cidade mencionada (NTE).

<sup>63</sup> Como visto, trata-se de Tito, que morreu em 81 dec (NTP).

<sup>64</sup> Aqui Tespésio aparece como o exemplo prático da teoria sustentada pelo autor em passagens anteriores (especialmente em 561 a-b), ao contemplar com seus próprios olhos o castigo de seu pai (NTE).

<sup>65</sup> Para a confissão como uma forma de castigo, cf. Norden, *P. Vergilius Maro Aeneis Buch VI*<sup>3</sup> p. 275 (NTI).

<sup>66</sup> Cf. *Moralia* 977b (passagem na qual o relato de Aristóteles sobre o tubarão raposa [*Hist. Animal* IX 37, 621a 12-16] é confundido com o do caracol marinho); Aristóteles, *Hist. Animal* IX 37 (621a 6-9); Aelian, *De Nat. Animal* VII 35; Oppian, *Halieutica* II 424; Dioscórides, II 16; Plínio, *N.H.* IX 145 (NTI). Essa história é

Após esfolá-las e desdobrá-las, os carrascos expuseram algumas almas repletas de úlceras e de manchas, mostrando a maldade em sua parte racional e superior. Ele contou como viu outras almas enroladas como víboras, de duas em duas e de três em três ou mais, entredevorando-se devido ao rancor e a amargura do mal que sofriam ou fizeram em vida. Havia também lagoas situadas uma ao lado da outra; a primeira era de ouro fervente; a segunda de chumbo gelado e a última de ferro áspero e duro. Estavam a cargo de alguns demônios que, como ferreiros, com suas tenazes capturavam e soltavam alternadamente as almas daqueles que delinquiram por cobiça ou avareza excessivas. Aquelas que se tornavam incandescentes e diáfanas ao arder no ouro eram introduzidas no banho da lagoa de chumbo. Quando as almas esfriavam e endureciam como granizo, eram removidas para a lagoa de ferro. Nesta se tornavam marcadamente pretas e, quando lascadas e quebradas devido à dureza, mudavam de aspecto. A seguir, eram levadas de volta à lagoa de ouro, suportando nas transformações, segundo ele contava, dores terríveis.

**31.** O mais lamentável de tudo, disse ele, era o sofrimento das almas que acreditaram já ter cumprido sua sentença<sup>67</sup> e, então, eram novamente presas. Estas almas eram aquelas cuja punição<sup>68</sup> havia alcançado seus filhos ou descendentes. Com efeito, quando a alma de um tal infante ou descendente se encontrava com uma daquelas, voava sobre ela com fúria, insultava-a e lhe mostrava as marcas de seus sofrimentos, perseguindo-a com censuras. Esta, querendo se evadir e se esconder, não conseguia, pois rapidamente era alcançada por seu algoz, que a empurrava para um novo ciclo de castigos. Por presciência, a alma sofredora agora se lamentava do castigo que a aguardava. E Tespésio disse que muitos descendentes se aglomeravam ao lado dessas almas tal como um enxame de abelhas ou morcegos, gritando estridentemente pela memória<sup>69</sup> e raiva daquilo que sofreram por sua culpa.<sup>70</sup>

**32.** Ele estava vendo o espetáculo final de sua visão, as almas seguindo para um segundo nascimento, enquanto eram violentamente forjadas para caberem em todos os tipos de coisas vivas e moldadas pelos artesãos disto encarregados. Estes soldavam e juntavam um conjunto de membros a golpes de ferramentas e a outro separa-

---

contada por Plutarco em *Soll. an.* 977b, a partir dos *vulpes marina*. Sobre expor o interior para ver as manchas, cf. a fábula da raposa e do leopardo em *Animine an corp. affect.* 500 c-d (NTE).

<sup>67</sup> Em grego, *diké* (NTI). A palavra *diké*, em grego, tem várias acepções. Comumente é traduzida por *justiça*, mas pode significar outras coisas nos variados autores. Assim, pode ser a personificação de uma deusa; surge como *vingança*, tortura, sentença etc. Convém observar também que costumeiramente se atribui a ideia de inferno ao cristianismo. Na verdade, trata-se de uma noção grega; Jesus de Nazaré falava em *gehena*, uma metáfora; este nome é o de um vale próximo à Jerusalém que, ao seu tempo, recebia o lixo urbano, que muitas vezes era queimado. Com efeito, ele disse que os maus seriam destruídos tal como erva daninha na fogueira, e não mais voltariam (NTP).

<sup>68</sup> No grego, *poiné* (NTI).

<sup>69</sup> Cf. Homero, *Odisseia* XXIV 5ss (NTI).

<sup>70</sup> Distintamente do direito liberal moderno, cuja responsabilidade por uma injustiça recai sobre *o indivíduo* que a praticou, em vários sistemas do direito antigo a responsabilidade por uma injustiça *recaía sobre os filhos, descendentes, membros da tribo, do clã, da cidade etc.* Um exemplo clássico é o pecado original: Adão peca e *todos os homens*, seus descendentes, passam a ter o pecado em si. Na primeira parte do texto, Plutarco justifica longamente tal concepção com argumentos físicos, jusnaturais e teológicos. Agora, sua “testemunha” no outro mundo, Tespésio, “confirma a validade” da visão jurídica que defende (NTP).

vam; e outros membros eram polidos e quase apagados completamente para os adaptar às novas vidas e personagens.<sup>71</sup> Neste momento, a alma de Nero apareceu em lamentável situação e cravejada de rebites incandescentes.<sup>72</sup> Quando os artesãos já a tinham configurado como uma víbora nicândrica,<sup>73</sup> na qual haveria de comer para sair de sua mãe grávida,<sup>74</sup> de repente (ele disse) uma grande luz irrompeu e desta se ouviu uma voz que mandou transformá-la em outra espécie mais pacífica, um animal cantante dos pântanos e lagoas.<sup>75</sup> Com efeito, ele já havia pago por seus crimes e os deuses também lhe deviam algum prêmio por ter libertado o melhor povo, aquele mais amado pela divindade dentre seus súditos”.<sup>76</sup>

**33.** Ele podia ver lá de cima. E, quando estava prestes a se virar entrou em pânico, pois uma mulher alta e maravilhosamente bela o segurou e disse: “venha cá, caro, para que possa se lembrar de tudo com mais detalhes”. Estando prestes a lhe tocar com uma varinha em brasa como aquela que os pintores utilizam,<sup>77</sup> outra mulher se lhe interpôs e ele foi repentinamente puxado como que por um cordão,<sup>78</sup> por uma rajada de vento muito forte e violenta, caindo em seu corpo e abrindo os olhos ao lado de sua própria tumba.

---

<sup>71</sup> Recorde-se de como, pouco antes, as almas haviam sofrido banhos de ouro, chumbo e ferro. Em seguida é-lhes dada uma configuração animal. Plutarco reflete aqui a crença pitagórica recebida através de Platão, embora este não fale do processo de transformação. Ver no ‘mito de Er’, *República* 619e a 620d o anteriormente dito (NTE).

<sup>72</sup> Cf. *Moralia* 718d e Platão, *Fédon* 83d (NTI).

<sup>73</sup> Nicândrica, *Theriaca*, 133f. Para a história que os filhotes das víboras comem para sair do útero, cf. Heródoto, III 109; Aeliano, *Nat. Animal*, XV 16; Antígono, *Hist. Mir.* XXI; Plínio, *N.H.* X 170; Hierax em Stobaeus, III, p. 428, 20-22 Hense (dos muraena) (NTI). Os manuscritos fornecem uma víbora “pindárica”, o que não faz sentido. Os editores do texto base, Lacy & Einarson, mudaram para “nicândrica” com fundamento no texto de Nicandro, em *Theriaca* 133ss. em que ele fala sobre este animal. Baseando-se em Heródoto, III 9, Ziegler propõe “índica” em vez do primeiro nome (NTE).

<sup>74</sup> Nero matou sua mãe em 59 d.C. (NTI).

<sup>75</sup> Ou seja, uma rã (cf. M. P. Nilsson, *Gesch. d. gr. Rel.* II, p. 529); Nero era um vocalista (NTI). Provavelmente uma rã, como aquelas que, formando um coro, dão nome à comédia de Aristófanes. Um cisne, pensa Ziegler, parece um castigo insignificante se considerarmos a função mântica dessa ave (cf. Platão, *Fédon* 84d a 85b) (NTE).

<sup>76</sup> Nero emancipou a Grécia em 67 d.C.; cf. *A Vida de Flamínio*, XII 13 (376c) (NTI).

<sup>77</sup> Varinha utilizada na pintura encáustica: cf. *A Vida do Jovem Cato*, I, 7 (760a) (NTI). A imagem provém de Platão, *Timeu* 26c (NTE). Função realizada pelo atual pirógrafo (NTP).

<sup>78</sup> Cf. 566d acima e a nota (NTI). Em leitura duvidosa, Lacy & Einarson conjecturam *apò thómingos*, “por um cordão”. Em vez disso, Y. Vernière, em sua edição de *Les Belles Lettres* adota a conjectura de Reiske: *dyà sýringos* “por um sifão”. Se a segunda conjectura é mais coerente com o contexto, ou seja, a absorção da alma pelo ar violento, a primeira tem a vantagem de oferecer uma relação com o cordão da alma que vimos em 566d (NTE).